

# REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA MASCULINA EM UMA INSTITUIÇÃO ESPÍRITA

Carlos Eduardo Marotta Peters<sup>1</sup>

## Resumo

Este trabalho analisa as representações da loucura masculina em uma instituição espírita de Penápolis. Procura entender seu cotidiano e reconstruir seus discursos e práticas. O Asilo Espírita funcionou entre 1935 e 1945, sendo parte das estratégias de legitimação do movimento espírita local, inseridas num contexto maior de disputa com outras religiões e com o saber médico, que buscava monopolizar o discurso acerca da loucura.

**Palavras-chave:** Espiritismo; Loucura.

## Abstract

This work analyzes the representations of men's madness in a spiritist institution of Penápolis. We seek to penetrate into the institution daily life and reconstruct its discourses and practices. The Asylum operated between 1935-45 as part of the movement of legitimation of the local spiritist movement. Such strategies were part of a larger struggle against other religions and medical knowledge and sought to monopolize the discourse about madness.

**Keywords:** Spiritism. Madness.

## 1 - Introdução

Nos trabalhos recentes sobre história da doença, ela é colocada no universo da cultura, não sendo vista apenas como patologia. Minha dissertação de mestrado (PETERS, 2000), por exemplo, analisou as relações entre medicina e espiritismo nas décadas de 1930 e 1940, buscando entender como um asilo espírita representou a loucura e desenvolveu suas práticas curativas. Este artigo deriva dos resultados da dissertação. Nele analiso um asilo fundado em 1935 em Penápolis, interior de São Paulo. Discuto os discursos e as práticas da

---

<sup>1</sup> Doutor em História Social pela UNESP/Assis. Professor do Centro Universitário Toledo de Araçatuba e da Fundação Educacional de Penápolis.

instituição. O asilo funcionou durante dez anos, tendo poucos conflitos com as autoridades médicas, apesar de sacralizar a loucura, considerando-a uma *perturbação da alma*.

O que pretendo nesse artigo é discutir como a loucura masculina era entendida no interior da instituição e quais as formas de tratamento prescritas para os homens. Para tanto, faço uso dos prontuários produzidos pelo líder espírita local, João Marchese.

## 2 - Psiquiatria e espiritismo

O espiritismo e o alienismo minimizaram os aspectos sociais e culturais da loucura. O espiritismo naturalizou a loucura, inserindo-a no universo da crença na reencarnação e na possibilidade dos contatos espirituais. O alienismo patologizou comportamentos, o espiritismo os sacralizou. De acordo com Michel Foucault (1995), deve-se analisar quando e onde a loucura foi produzida pelo discurso médico, descobrindo por que alguns comportamentos passaram a ser vistos como desviantes.

A família nuclear burguesa emergiu como modelo ideal e natural no século XIX. O hospício se tornou um espelho desse modelo; nele, o louco assumiu o papel de alguém a ser educado. O objetivo dos tratamentos era homogeneizar as condutas, inserindo-as em modelos pré-estabelecidos de família.

A partir do século XIX, a medicalização da loucura possuía um núcleo moral; o que se avaliava era a aptidão para o trabalho e para o casamento. Os discursos produzidos pela psiquiatria não podem ser entendidos como meramente científicos. Eles levaram a intervenções políticas no interior de projetos de ordenamento social (FOUCAULT, 1995).

Em fins do século XIX, a loucura deixou de ser apenas furiosa e visível, tornando-se insidiosa e difícil de ser detectada por leigos, o que aumentou a competência dos especialistas (CUNHA, 1986, p. 25). O referencial teórico dessa reviravolta foi a teoria da degenerescência de Bénédict Morel. Para ele, a degeneração era hereditariamente transmitida. Ele disseminou a preocupação com o degenerado; alguém que pode parecer normal, sociável. As populações marginais passaram a ser vistas como doentes. A cidade atrairia tais degenerados e potencializaria a doença em seus espaços insalubres. O combate à loucura deveria se estender aos focos de degeneração. Um novo papel foi criado para a polícia, e se intensificaram as ações para *higienizar* e organizar as famílias (CUNHA, 1986, p. 25-6).

A implantação da psiquiatria e da medicina social no Brasil se deu entre fins do século XIX inícios do XX. O país passou a demandar, na ótica dos grupos dirigentes, medidas que deveriam se inspirar nos modelos europeus. Controlar escravos libertos,

imigrantes e homens pobres em geral, evitando a multiplicação dos *degenerados*, passou a ser preocupação comum. A ordenação da sociedade por meio da medicina buscava forjar trabalhadores ordeiros e disciplinados. Nesse contexto, foi inevitável o embate entre a medicina *científica* e aqueles que praticavam medicinas populares.

O movimento espírita, fundamentado no princípio da caridade, também criou instituições para cuidar dos loucos. Produziu discursos e práticas diferentes daquelas propostas pela psiquiatria, o que incomodou as instituições médicas. Aconteceram campanhas para a erradicação do espiritismo no Brasil, articuladas por psiquiatras que associaram mediunidade e loucura (ALMEIDA, 2007). Apesar disso, existiram muitas formas de acomodação entre espíritas, o poder público e médicos diplomados. Muitos médicos atuavam em dois universos, prescrevendo tratamentos espirituais ou simplesmente tolerando as práticas populares.

O espiritismo chegou ao Brasil no século XIX. Nascera no contexto do cientificismo no século XIX. As obras de Allan Kardec, considerado o *decodificador* do espiritismo moderno, sacralizaram discursos e métodos científicos, colocando-os a serviço das revelações dos espíritos.

Kardec já havia analisado as causas da loucura na obra *Livro dos espíritos*. A loucura poderia ter causas orgânicas e sociais, como diziam os médicos, mas defendeu que teria também causas espirituais. Ela seria resultado da “*ação persistente de um espírito mau sobre um indivíduo*” (KARDEC, 1992, p. 304). Essa leitura inspirou seus seguidores brasileiros a fundarem instituições voltadas para o tratamento espiritual dos loucos.

### **3 - Loucura masculina no Asilo Espírita “Discípulos de Jesus”**

O *Asilo Espírita “Discípulos de Jesus”* foi fundado em 1935 por membros do *Centro Espírita “Discípulos de Jesus”*, sob a liderança de João Marchese. A base para sua ação foi uma junção criativa das obras de Allan Kardec com diversos discursos que propunham formas de controle da *degenerescência*. Os espíritas construíram sua representação da sociedade articulando o *vocabulário* que estava à disposição no período: a doutrina espírita, a psiquiatria etc. Eles incorporaram práticas de outras instituições, se apropriando criativamente da doutrina de Kardec.

Os prontuários do asilo permitem compreender as formas de tratamento da instituição e suas representações da loucura. O tratamento variava de acordo com as diversas manifestações da loucura. A divisão básica se dava entre homens e mulheres. Os primeiros

deveriam ser readaptados para uma vida produtiva, onde desempenhariam o papel de provedores.

A repetição de trajetórias e padrões permitiu perceber as diferentes faces atribuídas à loucura no asilo. O ordenamento social, no período, era preocupação de várias instituições. A maioria objetivava minimizar os conflitos e construir uma imagem de nação integrada e progressista. As práticas do asilo só podem ser entendidas nesse contexto. Ancorada na ideia de progresso, a doutrina kardecista delineava quais os papéis a serem desempenhados pelos indivíduos na sociedade, aliando a moral cristã ao ideal de produtividade.

O tratamento utilizado era fundamentado em práticas de cura espiritual, consideradas curandeirismo pela medicina oficial e pelo Código Penal. O funcionamento do asilo se assemelhava ao do hospício do Juquery. A semelhança entre os aposentos no referido hospício era a negação da individualidade e da privacidade do sujeito, que era instalado em espaços despersonalizados. Além de ficarem em completo isolamento, os loucos ficavam em constante vigilância (CUNHA, 1986, p. 83). No asilo, a homogeneização também estava presente, assim como o isolamento. A instalação dos ingressantes não era aleatória. A disposição das instalações possuía uma lógica normativa que regia todo o funcionamento da instituição. Os internos cumpriam determinados estágios necessários para serem considerados aptos ao trabalho e ao convívio social. A divisão e o controle do tempo reforçavam a lógica da produtividade.

Para Marchese, a loucura resultava do assédio de espíritos inferiores. Sua influência variaria de acordo com o grau de evolução espiritual da pessoa. A base para tal visão eram as formulações de Kardec acerca da existência de escalas de evolução da alma. Existiriam espíritos avançados, distantes da *carnalidade* e próximos da iluminação, e espíritos baixos, ainda próximos da animalidade.

Para Marchese, a loucura era a manifestação da impureza dos espíritos pouco evoluídos, vulneráveis à influência de espíritos desencarnados. Ele configurou a lógica interna do asilo com o objetivo de adequar as alas às manifestações de loucura espiritual. Os internos eram classificados segundo a escala de evolução dos espíritos e submetidos a tratamentos adequados à sua condição. Comportamentos como o alcoolismo, a homossexualidade, a ociosidade eram considerados indícios de loucura espiritual e serviam para enquadrar o interno numa categoria.

No caso dos homens, o desempenho no mundo do trabalho era o índice pelo qual se estabelecia o grau de loucura. Os comportamentos que desviavam o homem de seu papel de provedor do lar, pai e esposo, eram considerados sintomas.

Os internos agressivos, os *furiosos*, necessitavam de cuidados constantes. Eram vistos como a encarnação de espíritos impuros ou levianos. Tais espíritos seriam inclinados a todos os vícios, pois eram ignorantes e inconsequentes. Sua condição inferior no plano evolutivo seria identificável em função de sua ligação instintiva com os prazeres carnis. Em tais casos, Marchese acreditava não haver influências externas no comportamento do doente (PRONTUÁRIOS, 1935, p. 24).

Para esse tipo não haveria possibilidade de cura imediata. Seu espírito necessitaria de várias reencarnações para que se depurasse. A função do tratamento era simplesmente direcionar seus espíritos para essa evolução, com resultados mínimos. As sessões mediúnicas a que eram submetidos objetivavam canalizar boas vibrações para suas almas, invocando bons espíritos para guiá-los:

Tudo o que podemos fazer é tentar tirar seus vícios obscuros, suas ações animais, rascunhar uma nova conduta para esses infelizes. O plano evolutivo de Deus cuidará do resto. (PRONTUÁRIOS, 1935, p. 27).

A mordaza e a clausura eram comuns. A condição evolutiva inferior, que se aproximaria da escala animal, demandava tratamento de adestramento. Esse era o caso de um interno de nome Jurandir. Em seu prontuário, foram indicados os motivos que levaram ao seu internamento:

Jurandir era sustentado pelo pai e ajudava no trabalho, mas tinha acessos de fúria. Se tornou um peso para seu pai que me procurou dizendo que ele tinha quebrado muitos móveis e também tinha incomodado crianças. (PRONTUÁRIOS, 1936, p. 167).

Os indícios apontavam se tratar um espírito impuro. Foram levantadas informações sobre a conduta sexual dele. Constatou-se que se masturbava e demonstrava ter pouco controle sobre seus desejos. A conduta sexual foi considerada indício de sua condição de impuro.

O comportamento violento e os vícios eram características de outro tipo de loucura: a dos *obsedados*. Eles seriam perigosos e deveriam ser tratados com a expulsão do espírito *obsessor* através de sessões mediúnicas. Quando livres da obsessão, eram considerados curados. As pessoas enquadradas nessa categoria passavam apenas alguns dias no asilo.

Outro tipo de louco era o *cármico*. Sua condição resultaria da expiação por atos praticados em outras vidas. A gravidade de suas faltas demandava um período de sofrimentos, geralmente com a duração de uma vida carnal. A condição de louco permanente

impedia que se estabelecesse um processo de tratamento igual ao dos outros. O tratamento deveria ser de contenção de seus atos mais violentos e cura de seus males físicos:

A loucura quando provém da expiação é para toda vida carnal [...] o que podemos fazer é evitar que além dessa privação o doente sofra outras. Um espírito em estado de expiação deve cumprir sua missão na terra para evoluir. (PRONTUÁRIOS, 1941, p. 223).

Mais sutil seria a loucura dos espíritos superiores, os *cultos* e *sábios*. Por seu avançado estágio de purificação, eles seriam bons e conduziriam a vida terrena com *retidão*, *discernimento* e *sabedoria*. Seriam capazes de desempenhar o papel destinado a eles. Eram trabalhadores e resignados quanto às razões de sua posição social. Sua elevação espiritual e intelectual e sua capacidade de julgamento os posicionariam como guias para os menos afortunados.

Esses espíritos teriam a missão de ajudar os *impuros* em sua travessia carnal. Uma vida bem sucedida financeiramente era indício de elevação espiritual. Há no espiritismo a tendência a sacralizar a posição dos indivíduos na sociedade de classes. As diferenças sociais seriam justas, pois resultariam da lei universal do *carma*. O esforço individual e o acúmulo de boas ações é que definiriam o sucesso e o fracasso.

Os espíritos *cultos* e *sábios* não se deixavam influenciar por comportamentos *baixos*. Contudo, a tentativa constante dos espíritos *impuros* de desvirtuá-los causaria o tormento dos *bons* espíritos. A tortura espiritual dificultaria seu relacionamento familiar, seu desempenho no trabalho e a realização de obras de caridade (PRONTUÁRIOS, 1938, p. 1048).

A procura pelo tratamento de *desobsessão*, nesses casos, partia da própria pessoa, já que teria consciência de sua condição. Sua internação era, geralmente, de apenas alguns dias e o processo de cura a que eram submetidas resumia-se a sessões mediúnicas (PRONTUÁRIOS, 1937, 1069).

Pessoas enquadradas nesta ordem obtinham regalias em sua curta carreira como internos. Eram considerados *bons*, não influenciáveis, e podiam passear livremente pelas alas do prédio. Além disso, eram eles que decidiam quando deveriam retornar a seus lares.

#### 4 - Considerações finais

O asilo atuava como um aparelho normalizador da família, que foi considerada a célula fundamental da sociedade. A concepção de sociedade ideal desenvolvida por ele assemelhava-se às defendidas por autoridades públicas e médicos. Assim, o poder público viu no asilo uma opção para a falta de vagas nas instituições médicas. A articulação entre espíritas e autoridades públicas foi possível nesse contexto, mesmo diante de uma medicina que afirmava seu monopólio sobre a doença. A naturalização e sacralização dos papéis a serem desempenhados por homens e mulheres e da própria ordem social, deu ao espiritismo um caráter conservador, o que contribuiu para sua aceitação no Brasil.

## 5 - Referências

ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva de. Uma fábrica de loucos: psiquiatria x espiritismo no Brasil. 2007. 232 p. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FOUCAULT, M. A história da loucura na Idade Clássica. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

KARDEC, Allan. O livro dos espíritos. Rio de Janeiro: FEB, 1992.

MOULIN, Anne Marie. Os frutos da ciência. LE GOFF, Jacques (org). As doenças tem história. Lisboa: Terramar, 1985.

PETERS, Carlos Eduardo Marotta. Asilo Espírita “Discípulos de Jesus” de Penápolis: a loucura no cotidiano de uma instituição disciplinar (1935-1945). 2000. 143 p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista, Assis - SP.

PRONTUÁRIOS do Asilo Espírita “Discípulos de Jesus”. Penápolis, 1935-1945.

WEBER, Beatriz Teixeira. As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense (1889-1928). Santa Maria: Ediora da UFSM, Bauru: EDUSC, 1999.